

Como nasceu e em que consiste a Igreja?

Xabier Pikaza 05.08.2021

a) A Igreja atual, separada desde mediados do séc. II do judaísmo rabínico, é o resultado de mais de um século de história, que começa com a vida-morte de Jesus e se consolida através de uma série de acontecimentos e decisões exemplares que podem se condensar assim:

- 1: O testemunho e ação exemplar de algumas mulheres que amaram Jesus e o sentiram vivo em suas vidas.
- 2: O surgimento de grupos e comunidades de seguidores em Jerusalém e na Galiléia.
- 3: A entrada de grupos de crentes de mentalidade helenista, com a missão de Paulo, a redação dos evangelhos etc.

Só na primeira metade do séc. II se pode falar de uma Igreja cristã propriamente dita e de uma nova religião.

b) Por isso, em um sentido, se pode e se deve afirmar que Jesus fundou a Igreja. Mas, em outro sentido, é preciso dizer que ela foi fundada pelos seus discípulos, em um processo pascal de vários decênios. Por si mesmo, Jesus não organizou a Igreja, senão que anunciou e preparou a chegada do Reino de Deus; mas, seu anúncio e a experiência de sua vida desembocaram no surgimento de uma série de comunidades messiânicas, animadas pelo Espírito de Jesus, que se vincularam como Igreja. Ele não quis fixar um organograma social, nem construir algumas instituições sagradas independentes, capazes de substituir aquelas que já existiam, mas seu movimento desembocou de um modo natural na Igreja (através disso que chamamos experiência carismática de seus seguidores).

Duas interpretações

Neste contexto podem se dar duas interpretações, que vão mais além do puro relato histórico, de maneira que devem ser entendidas de um modo confessional.

-1) Alguns investigadores afirmaram, e continuam afirmando que o surgimento e, sobretudo, o desenvolvimento e a fixação da Grande Igreja no século II d.C. é um fenômeno cultural muito complexo, mas não responde à intenção básica de Jesus, nem recolhe as chaves básicas de seu movimento. Nessa linha, eles tendem a negar toda relação causal entre Jesus e a Igreja. Mas esta visão se revela minimalista e, no fundo, carente de Jesus. Sem o impulso e o testemunho múltiplo da mensagem, vida e morte de um homem como Jesus resulta inexplicável o surgimento das diversas comunidades e a união posterior de grande parte delas como Igreja.

-2) Outros, no entanto, podem dizer que esse desdobramento da Igreja recolhe a intenção fundamental de Jesus, de maneira que foi Ele quem a fundou basicamente e quem continua mantendo, por obra de um impulso e presença que podemos chamar "Espírito" de Deus. Os cristãos interpretaram esse novo "espírito" (do qual eles se sentem portadores) como nova e mais profunda presença, a quem concebem como "ressuscitado", vivendo e atuando neles, de uma forma até então desconhecida, mas totalmente real.

Dito isso, devemos acrescentar que a forma de entender essa Igreja (tal como foi sendo fixada pelos discípulos de Jesus ao longo de todo o século I e começos do século II d.C.) varia segunda as diversas confissões cristãs (católicos, protestantes, ortodoxos).

Notas da Igreja

Experiência compartilhada de Jesus. O que chamamos a Igreja nasceu e se expressou durante longos decênios através de uma série de comunidades que mantêm a memória de Jesus e estão vinculadas, de algum modo, a Israel, mas que terminam sendo autônomas e se mantêm em comunhão umas com as outras, sendo capazes de reger-se e de organizar-se de um modo autônomo, oferecendo a seus membros um espaço de convivência e comunicação, a partir da presença pascal de Jesus. Nesse sentido podemos falar de uma federação de igrejas.

O futuro chegou. As igrejas têm a certeza de que com elas começa um "tempo novo", uma espécie de mutação transcendental da vida. Elas vivem entre dois tempos: o passado de uma humanidade condenada à morte (ao fracasso) e o futuro da culminação em Deus, por meio de Jesus ressuscitado.

Essa experiência de viver entre dois tempos marca plenamente sua vida. Só quando a espera da culminação (do novo tempo que vem por Jesus ressuscitado) se alonga, de maneira que essa parusia ou presença final de Jesus (com o fim deste mundo) não aparece como algo imediatamente próximo, eles (os que acreditam em Jesus) sentem a necessidade de organizar melhor sua forma de vida no mundo, no tempo da espera.

Desta forma, a partir da recordação/presença de Jesus e da esperança de sua “volta” (a culminação de seu projeto de Reino de Deus) pode surgir e surge uma igreja (no sentido atual da palavra).

Uma experiência de vida comum, uma forma de oração e comunhão social. Só há igrejas onde existe e se cultiva um tipo de memória afetiva e celebrativa, pessoal e comunitária de Jesus, própria desse tempo dilatado de esperança, marcado pela celebração pascal da presença do Senhor e por uma vida fiel a seu projeto de vida (tal como se expressa no Sermão da Montanha). Nessa linha, não se pode falar de igreja cristã sem o surgimento de alguns sinais específicos, vinculados à memória e ação de Jesus, como são os exorcismos e/ou de um modo especial os sacramentos (batismo, eucaristia...), que definem e distinguem os seguidores de Jesus frente a outros grupos judaicos daquele tempo. Neste contexto se situa a disputa cristã sobre refeições especiais, próprias de outros tipos de judaísmo e sobre a circuncisão.

Um comportamento messiânico. Só há Igreja onde pode se encontrar um estilo de vida especial, na linha daquilo que fazia e dizia Jesus, tal como aparece no Sermão da Montanha de Mateus ou na experiência da justificação pela fé, da qual fala Paulo. Esse estilo de vida constitui uma reinterpretação messiânica da lei “nacional” do judaísmo, entendida em um sentido exigente (os cristãos pertencem a um tipo de judaísmo radical), a partir da profecia de Israel (com sua visão ética) e, sobretudo, a partir da experiência de Jesus.

Para todos. Finalmente, só se pode falar de Igreja cristã quando existe uma abertura ou missão universal da mensagem de Jesus, superando um tipo de “cerca sagrada” que começa a estabelecer, em outra linha, o judaísmo rabínico. O movimento de Jesus só se define plenamente e alcança sua própria identidade ali onde as diversas comunidades cristãs compartilham um tipo de mensagem e modelo de vida que pode abrir-se a todos os homens, vinculando assim a radicalidade de Jesus e a universalidade de seu projeto messiânico.